

Os lobos de Wall Street

Por **Luiz Gonzaga Belluzzo**

Valor Econômico, 7.1.2014.

Ainda padecemos os vícios da indexação e do rentismo. Se você não está sentado à mesa, faz parte do cardápio.

Para não juntar preguiça à indolência - tentação que nos aflige nos dias longos e tediosos do final do ano - entreguei-me a leituras mais leves, não necessariamente menos estimulantes. Sou admirador de Jeff Bezos, o fundador da bendita Amazon e, melhor, o criador do Kindle. Advirto o caro leitor que sou apenas um cliente, um tanto fanático, da Amazon, sem qualquer interesse em seu desempenho empresarial.

O senhor Bezos colocou à disposição dos clientes algumas narrativas instigantes, aventuras literárias empreendidas pelas feras dos mercados financeiros. Uns relatam suas proezas, outros se queixam de suas misérias e alguns lambem as misérias de suas façanhas. O "Lobo de Wall Street" está disponível sob a forma e-book. O livro foi escrito por Jordan Belfort, o façanhudo que inspirou o filme de Martin Scorsese.

Entre a estirpe dos performáticos da finança, encontro Bill Rhodes, um velho conhecido dos tempos idos e vividos nas amarguras da malfadada década dos 80, a chamada *Década Perdida*. Chairman do Comitê Assessor dos Bancos credores, Rhodes reconta no livro "Banker to the World" alguns episódios de seu protagonismo no drama vivido pelos países afetados pela crise da dívida do início dos 80.

Entrego a palavra ao "banker to the word": era indispensável colocar os governos a bordo e, sobretudo, convencer o pessoal que as medidas duras eram necessárias para restabelecer o equilíbrio financeiro e fiscal, retomar o crescimento estável e criar condições para uma reestruturação negociada da dívida.

Rhodes começa sua narrativa "depois da queda" e não se refere aos antecedentes que levaram à eclosão da crise da dívida. Muitos sabem que, logo depois do "choque do petróleo" de 1973, o secretário geral do Fundo, Johannes Wittveen batalhou pela criação da Oil Facility, uma linha de crédito destinada a financiar os déficits de balanço de pagamentos dos países mais afetados pela elevação sem precedentes dos preços da energia. Wittveen recebeu o apoio dos encalacrados da periferia, dos europeus carentes de fontes de abastecimento em seus territórios e dos países produtores de petróleo.

A Oil Facility foi criada com recursos parcos (US\$ 6,5 bilhões) em 1974 e renovada em 1975. A partir de 1976 deixou de operar. Não é preciso dispor de dotes do dito jornalismo investigativo para descobrir as forças que barraram a ampliação da Oil Facility e lutaram por seu encerramento em 1976. A partir de então, os bancos privados americanos, japoneses e europeus se lançaram com a fúria dos predadores à desditosa "reciclagem dos petrodólares".

Em entrevista concedida em julho de 2013 a Martin Feldstein, Paul Volcker conta que o então presidente do Federal Reserve, Arthur Burns, proclamava em seus

pronunciamentos: "Isso não pode continuar, não deve continuar, temos que fazer alguma coisa" (para frear esse endividamento insustentável, diz Volcker em outro trecho da entrevista)

O patrão de William Rhodes, Walter Wriston, presidente do Citi na era da Grande Reciclagem, desprezou seguidamente as advertências de Burns: os países não quebram e, portanto, a crise não podia acontecer. Há de ficar registrado que, nos anos 70 - tempos da grana fácil - a opinião dos graúdos latino-americanos, aqueles que se consideram cosmopolitas e bem-informados, estava de acordo com Wriston e não se cansava de desqualificar os críticos da imprudente aventura empenhada em edificar projetos de infraestrutura (produtores de serviços não comercializáveis) sobre uma montanha de débitos em moeda estrangeira. Em miúdos: financiaram a construção de estradas, hidrelétricas, metrô e sistemas de telecomunicações em dólares, mesmo sabendo que as tarifas e os pedágios seriam pagos em moeda nacional. Esse tipo de calamidade é conhecido na literatura como descasamento de moedas ("currency mismatch").

A elevação dos juros, decidida por Paul Volcker em 1979, deu cabo à farra dos bancos e devastou a economia dos devedores imprudentes. O Brasil quebrou. Sobrou para a viúva. Os sabichões do mercado - hoje transfigurados na turma da "crise de confiança" - correram para debaixo da cama. (Logo voltariam a ditar regras em meados dos anos 90.)

O Fundo Monetário Internacional e o governo Reagan salvaram os credores. Os bancos internacionais puderam se beneficiar do torniquete imposto aos devedores pelo "financiamento involuntário", o pinga-pinga de dinheiro externo coordenado pelo Fundo e pelo Comitê Assessor dos Bancos. Ao mesmo tempo, a prodigalidade fiscal do governo Reagan inspirada na "economia da oferta" recomendava a redução de impostos para os ricos "poupadores". A política fiscal levou a dívida pública americana às alturas, cevada pelos déficits formidáveis do governo republicano, cujos descendentes hoje advogam as virtudes da austeridade.

A avalanche de títulos da dívida do governo americano serviu para socorrer os balanços dos bancos credores, num momento em que a dívida latino-americana apodrecia em seus ativos. Os programas do Fundo Monetário cumpriram, portanto, a finalidade implícita em sua concepção: reduzir ao mínimo os riscos de uma crise financeira à escala global, evitando, assim, a contaminação das praças que formam o centro nervoso do sistema internacional de pagamentos e de administração de grandes volumes de capital-dinheiro.

As consequências internas nos devedores foram outras. No Brasil juntaram-se a forte elevação das taxas de inflação, a corrosão dos salários, a completa desorganização das finanças públicas, o mergulho das taxas de investimento e a espantosa "deformação" da riqueza privada concentrada na acumulação de moeda indexada. Até hoje padecemos os vícios da indexação e do rentismo. Se você não está sentado à mesa....